

II MOSTRA DE TEATRO DA UFES

L. an- f

"O SANTO INQUÉRITO"

BR - 78ES - C - 027

34



Marcelo Correa dirige a montagem capixaba

Dias Gomes fala da peça

"Parece fora de qualquer dúvida que Branca Dias realmente existiu e foi vítima da Inquisição. Segundo a lenda, bastante conhecida no nordeste, Branca foi queimada, como Joana D'Arc. A História não é tão precisa. Há controvérsia. Opinam alguns pesquisadores que, embora tendo sofrido perseguições, Branca deve ter morrido na cama, como os generais. Mas nenhum põe a mão no fogo. Nelson Werneck Sodré inclina-se pela primeira versão. E se Branca, que, segundo Ademar Vidal, "era jovem de beleza excepcional", não terminou seus dias numa fogueira, bem poderia ter tido essa sorte, pois os autos-de-fé de meados do século dezoito, em Lisboa, registram a condenação de cerca de quarenta mulheres procedentes do Brasil. Aqui mesmo, na Bahia, em fins do século dezoito, a octogenária Ana Roiz foi queimada simplesmente "por ter, doente, tresvariado, dito desatinos". Alguém (um ancestral dos modernos dedos-duros) ouvira e denunciara. Também com relação à sua nacionalidade divergem os pesquisadores, alguns dando-a como portuguesa banida para o Brasil pelas perseguições, anti-semitas da inquisição lusá, no século XVI. Viriato Correia, que estudou o assunto, endossa essa versão. Mas a maioria afirma ter sido ela brasileira de nascimento e paraiibana. Ademar Vidal chega a citar datas precisas: nascimento "na capital da Paraíba a 15 de julho de 1734, tendo sido seus pais Simão Dias e D. Maria Alves Dias, ambos da terra de André Vidal", e morte no "auto-de-fé de 20 de março de 1761, às 6 horas da tarde, em Lisboa, no lugar onde demora o Limoeiro". Também quanto ao lugar da execução há divergência, querendo alguns que tenha sido aqui mesmo, no Brasil. Enfim, História e estória entram em choque e esta é uma briga para historiadores e folcloristas. A mim, como dramaturgo, o que interessa é que Branca existiu, foi perseguida e virou lenda. A verdade histórica, em sim, no caso, é secundário; o que importa é a verdade humana e as ilações que dela podemos tirar. Se isto não aconteceu exatamente como aqui vai contado, podia ter acontecido, pois sucedeu com outras pessoas, nas mesmas circunstâncias, na mesma época e em outras épocas. E continua acontecendo. Muito embora a Santa Inquisição tenha hoje vários defensores, que procuram amenizar a imagem que dela fazemos e diminuir a responsabilidade da Igreja (a nova Igreja, justiça lhe seja feita, a Igreja de Paulo VI, procura ser, na teoria e na prática, a condenação formal do espírito e dos métodos do Santo Ofício) a verdade é que as razões apresentadas em sua defesa são as mesmas de todos os oprimidos, quase sempre sinceramente convencidos de que seus fins justificam os meios. São as razões de Hitler, de Franco, e de Mac Carthy. Vejamos o que diz um desses defensores da Santa Inquisição, o padre José Bernardo: "...tanto o Estado como a Igreja se viam em face de um perigo crescente e ameaçador. Toda a sociedade humana, a ordem civil e religiosa, construída com imensos esforços, toda a civilização e cultura do Ocidente, o progresso, a união e a paz estavam ameaçados de dissolução". Ameaçados por quê? Pelas heresias, sendo o protestantismo e as práticas judaizantes dos cristãos novos o que mais preocupavam e ameaçavam a hegemonia católica. Na defesa dessa hegemonia, justificava-se o emprego de medidas que, embora contrariando o espírito cristão, encontravam acolhida entre os teólogos da Igreja de Cristo. "Conforme S. Tomás, todo aquele que tem o direito de punir tem também o de punir, e a autoridade que tem o poder de fazer leis tem também o de lhes dar a sanção conveniente. Ora, as penas espirituais nem sempre bastam. Alguns as desprezam. E por isso que a Igreja deve possuir e possuir o direito de infligir também penas temporais". E embora o braço eclesástico não decretasse diretamente as penas de morte, na verdade as envolava ao relaxar a vítima ao braço secular, para que este as aplicasse. "É, portanto, justíssimo que a pena de morte seja aplicada aos que, propagando a heresia com obstinação, pendem o bem mais precioso do povo cristão, que é a fé, e, por divisões profundas, semeiam nele graves desordens". Em Portugal e no Brasil tiveram os "cristãos novos" as maiores vítimas desse direito de punir invocada pela igreja no poder. Quando, em 1496, D. Manoel desposou D. Isabel, filha dos reis católicos, esta exigia que todos os judeus fossem expulsos de Portugal antes

Texto de Edvaldo dos Anjos
fotos de Allton Lopes

CADERNO

dois

A GAZETA — VITORIA (ES),
20 DE MAIO DE 1977



Renato (padre Bernardo) e Rose de Freitas (Branca)



Luiz Tadeu Teixeira está no elenco

Um canto à dignidade humana

Encerrando a II Mostra de Teatro, promovida pela Ufes, com apoio do DAE — MEC — Funarte, e iniciada sábado passado, será apresentada hoje, às 21 horas, no Teatro Carlos Gomes, a peça **O Santo Inquérito**, de Dias Gomes, em montagem do grupo do Diretório do Centro Pedagógico. Direção de Marcelo Correa. Elenco: Rose de Freitas (Branca), Renato Saudino (padre Bernardo), Robson Moreira (Visitador), Luiz Tadeu Teixeira (Augusto), Robson Ferreira (Simão), Hugo Brandão (Notário) e Paulo Juffo (guarda). Trilha sonora de Rogério Coimbra. Iluminação de Napoleão Nunes. Cenários de Kleber Perini. Contra-regras: James Biase e Angélica Arantes. O grupo agradece a Ester Mazzi e à Sociedade de Cultura Artística de Vitória.

Conta com a participação de um ator profissional, Luiz Tadeu Teixeira, que somente esta semana entrou para o elenco, a título de incentivo (o espetáculo estava encontrando muitos obstáculos para ser apresentado), a montagem capixaba da peça de Dias Gomes é explicada assim por seu diretor, Marcelo Correa: "**O Santo Inquérito** foi escolhida para esta II Mostra por ser nacional e crítica em relação aos valores de uma determinada sociedade. O texto de Dias Gomes é bastante acessível ao público universitário, capaz de provocar discussão em termos dos valores atuais vividos

pela nossa sociedade. A pretensão, ao levar esta peça, é, em primeiro lugar, levar o texto ao conhecimento do público, principalmente dos estudantes de curso superior que ainda se mantêm apáticos em relação aos valores que imperam em nossa sociedade. A peça tem como pano de fundo a Igreja, que mantém o poder e o quer reter a todo custo. Pessoas ou instituições que se colocassem numa posição crítica ou que quisessem viver de uma maneira diferente dos princípios ditados pela doutrina cristã da época eram levadas perante um tribunal. Durante o julgamento as pessoas só tinham um caminho: renegar todos seus princípios e admitir as verdades da Igreja. Branca Dias era uma moça pura, ingênua, que só tinha um objetivo na vida: casar e dar quantos filhos pudesse ao homem que amava. Ela é envolvida pelo padre Bernardo, que, não conseguindo obter da moça seus desejos carniais, envolve-se na capa de seu irmão de participante do inquérito e oferece subsídios, os mais íntimos revelados em particular, para sua condenação. Augusto, o noivo de Branca Dias, é um homem consciente, que busca entender o momento em que vive, buscando em todos seus atos uma maneira independente de viver. Mesmo nos momentos mais difíceis, mesmo diante das maiores torturas, ele se respeita. Uma frase de Augusto, que traduz todo o espírito da peça: Existe um

mínimo de dignidade que o homem não pode vender, nem mesmo em troca de sua liberdade. Nem mesmo em troca de sol".

Marcelo Correa acha difícil fazer teatro universitário, devido à falta de tempo e de preparação artística. "Mas creio que o maior objetivo dos grupos que participam, principalmente do Diretório do Centro Pedagógico, que é o produtor dessa nossa apresentação, é o de entrar em comunicação com um maior número de universitários. A linguagem teatral propicia este momento devido ao tipo de promoção. Quem quiser fazer teatro, dentro dos mais sofisticados princípios artísticos, deve começar a exigir das autoridades da Ufes uma escola bem montada de preparação de atores, diretores e técnicos de teatro. O pessoal do nosso grupo tem facilidade de trabalho de direção, fazendo mesmo um esforço fora do comum para que possamos levar um espetáculo digno da vida artística da cidade. A falta de local para ensaios foi um fator de dificuldade na preparação desta Mostra. Estamos aí confiantes em alcançar o objetivo que determinamos para o nosso trabalho".

O crítico Yan Michalsky, no prefácio do livro que publica o texto de **O Santo Inquérito**, escreve que a montagem, em 1960, de **O Pagador de Promessas**,

no TBC paulista, foi uma grata surpresa para ele. "Ninguém podia esperar, em sua consciência, uma contribuição reveladora por parte de Dias Gomes, um escritor que não foi muito bem sucedido em suas três ou quatro experiências anteriores e que parecia ter desistido da carreira teatral, pois passou a se dedicar ativamente — e aparentemente sem maiores ambições — ao rádio e à televisão". Depois de **O Pagador de Promessas**, segundo Michalsky, o escritor baiano "percorreu um considerável e respeitabilíssimo caminho dentro do teatro e da cultura brasileiros". O TBC de São Paulo, depois do triunfo de **O Pagador de Promessas**, transformado em filme e premiado em Cannes, montou **A Revolução dos Beatos**. Montagens seguintes de obras de Dias Gomes: **A Invasão e O Berço do Herói**, esta proibida poucas horas antes da estréia. Acompanhando com interesse a evolução de Dias Gomes, e apesar de restrições a certas ingenuidades cometidas pelo autor, Yan Michalsky afirmou que essas peças citadas procuram uma forma teatral capaz de projetar, com a maior eficiência, a sinceridade das preocupações sociais do autor. "Confesso, porém, que em nenhuma destas obras — e independentemente do mérito de cada uma delas — encontrei aquilo que mais me impressionou no **Pagador**: um grande, comovido, antológico personagem de teatro. Reencontrei agora, em Branca Dias, de **O Santo Inquérito**, um personagem à altura da dimensão humana de Zé do Burro... São dois seres puros em luta contra uma impiedosa conspiração que não admite a pureza, que se aproveita dela, e que acaba por destruí-la".

A recente montagem carioca

Recentemente, **O Santo Inquérito** foi montado no Rio de Janeiro, com direção de Flávio Rangel. No elenco, Dina Sítia/Isabel Ribeiro (Branca Dias), Carlos Vereza (padre Bernardo), Cláudio Marzo (Augusto Coutinho), Jorge Chaia (Simão Dias), Waldir Maia (Notário), Italo Rossi (visitador do Santo Ofício). A montagem incluiu um coro, integrado por sete pessoas e quatro músicos, com Edu Lobo também participando da trilha sonora. Direção musical de Dori Caymmi. O diretor Flávio Rangel via assim a peça: "Entendi **O Santo Inquérito** como um canto à dignidade humana, escrito por um dos mais importantes dramaturgos brasileiros contemporâneos. Essa preocupação com os choques que enfrentamos seres humanos puros com a malícia e a corrupção que os envolvem é uma constante da obra do autor. Tive a honra e a felicidade de ser o primeiro encenador de **O Pagador de Promessas**, e viajei também a **Revolução dos Beatos**. Nessas três peças, assim como nas outras que lhe compõem a obra teatral, reunida em dois volumes editados pela **Civilização Brasileira**, a constante é a análise do comportamento humano em luta contra um espaço social que lhes é adverso. No caso específico de **O Santo Inquérito**, o autor mostra como reagem diferentemente três personagens — Branca Dias, seu noivo Augusto Coutinho e seu pai, Simão Dias — diante do totalitarismo e da opressão, com suas armas milenarmente conhecidas. A peça se passa em 1750, exclusivamente como um ponto de referência. Onde houver um ser humano que mantenha a coragem e a cabeça erguida contra as afrontas dos poderosos do dia, esse será o tempo e o lugar da ação da peça. Ao estudar os termos desta nova encenação, peço a presença da música, e acrescentei mais alguns personagens ao número original. Dias Gomes concordou, e re-

balhou a peça, a fim de que tivéssemos um espetáculo totalmente novo. Quis que a palavra e a mensagem do autor fossem defendidos por artistas de primeiro quilate — e acho na verdade que dispomos do melhor elenco do país para executar essa tarefa. Os produtores concordaram com essas novas idéias, e todos deram o melhor de si para que tudo corresse bem. Branca Dias é uma fascinante heroína. E como diz Bertolt Brecht, triste do país que necessita de heróis".

Dias Gomes define assim os personagens da peça: Branca Dias — "Diz a lenda que, em noites de plenilúnia, quando o nordeste sopra na copa das árvores, Branca desliza pelas ruas silenciosas da capital paraiibana e vai visitar seu noivo prisioneiro e torturado nos subterrâneos do Convento de São Francisco". Padre Bernardo: "Quando o pássaro carnal (que desde o início motivou inconscientemente) começa a torturá-lo, ele só encontra um caminho para combatê-la: a punição de Branca, que será, em última análise a sua própria punição... antes de você aparecer, eu vivia em paz com Jesus". Augusto Coutinho: "Não é apenas o amor que tem por Branca que leva Augusto a preferir a morte a acusá-la; é a certeza de que sua vida não vale a indignidade que querem obrigá-lo a cometer, obediência de que o ser humano tem em si mesmo algo de que não pode abrir mão". Visitador do Santo Ofício: "A tranquillidade com que ordena a aplicação de torturas em Augusto não revelam nele qualquer sintoma de sadismo, mas apenas a deformação a que pode chegar a mente humana para defesa de uma causa". Simão Dias: "Prezava nele o sentimento de salvar-se a qualquer preço. Mesmo ao preço da própria dignidade. Sua omissão o torna cúmplice, como o é sempre de todos aqueles que se omitem por egoísmo ou covardia, podendo fazer valer a sua voz".

delá lá pisar. D. Manoel apressou-se em satisfazer a exigência da noiva, decretando que todos os judeus e mouros fossem se retirassem do reino.

Entretanto, os navios que deveriam transportá-los à África lhes foram negados, no momento em que eles se reuniam nos portos, prontos para partir, seguindo-se então uma terrível perseguição, à qual poucos sobreviveram. Estes foram convertidos à fé, constituindo os "cristãos novos", no íntimo lés à sua antiga fé. Acreditando representarem permanente perigo às instituições e à civilização cristã, a Santa Inquisição os manteve sob severa vigilância. Justificando essa atitude de autodefesa, o padre José Bernardo traça um paralelo entre o Tribunal do Santo Ofício e os Comitês de Atividades Antiamericanas, criados pelo macartismo. Diz ele: "Será lícito reprimir a heresia pelo uso da força quando ela constitui um perigo iminente para a ordem religiosa e civil? A autoridade civil já dera, desde havia muito, a resposta afirmativa e continua

ainda hoje na mesma disposição. Siga um exemplo: contrariando seus princípios de completa liberdade democrática, os Estados Unidos da América do Norte julgaram necessário proteger-se contra a desintegração da sua sociedade. Começaram a citar diante dos tribunais os comunistas declarados, "por pregarem uma ideologia revolucionária, com o fim confesso de derrubar a ordem existente e a constituição democrática". Este proceder contra os comunistas é uma genuína restauração dos princípios inquisitoriais da Idade Média". Até quando esses princípios serão invocados, até quando torjados mártires como Branca e Augusto, os criminosos por omissão, como Simão Dias? Até quando as fogueiras reais ou simplesmente morais (estas não menos cruéis) serão usadas para eliminar aqueles que tramam em favor da liberdade de pensamento?

...do princípio ao fim, Branca caminha de coração aberto ao encontro do seu destino, acreditando que a sinceridade e a pureza que lhe

moram no coração a absolvem de tudo. Mais importante do que conhecer e seguir as leis e os preceitos ao pé da letra, não é estar possuída de bondade? Se ela traz Deus em si mesma, no que Deus é amor, isso não a redime inteiramente? É isto, justamente, que a perde, não percebe que a humanidade que a julgam agir segundo uma ideologia preconceituosa, que subverte a verdade, embora eles também não tenham consciência disso e se considerem honestos e justos. E, sem dúvida, não, se vistos de sua própria angulação. Branca não se vê a si mesma. Branca não percebe até o fim, quando já é tarde demais.

Sua perplexidade cede lugar então a um princípio de consciência, que, inicialmente, a aniquila, e depois a faz erguer-se na defesa fatal da própria dignidade. Branca nada tem de comum com Joana D'Arc, a não ser o fim trágico... A Joana que atinge, no final, enfrentar o martírio, é dada pela recusa em acumplicar-se com os julgamentos de Augusto. É um gesto de rebelião e também de desespero". (Dias Gomes).

II MOSTRA DE TEATRO DA UFES

final

“O SANTO INQUÉRITO”

BR. TBES. C. 027
15

Um canto à dignidade humana

Encerrando a 11 Mostra de Teatro, promovida pela Ufes, com apoio do DAE—MEC—Funarte, e iniciada sábado passado, será apresentada hoje, às 21 horas, no Teatro Carlos Gomes, a peça **O Santo Inquérito**, de Dias Gomes, em montagem do grupo do Diretório do Centro Pedagógico, Direção de Marcelo Correa. Elenco: Rose de Freitas (Branca), Renato Saudino (padre Bernardo), Robson Moreira (Visitador), Luiz Tadeu Teixeira (Augusto), Robson Ferreira (Simão), Hugo Brandão (Notário) e Paulo Juffo (guarda). Trilha sonora de Rogério Coimbra. Iluminação de Napoleão Nunes. Cenários de Kleber Perini. Contra-regras: James de Biase e Angélica Arantes. O grupo agradece a Ester Mazzi e à Sociedade de Cultura Artística de Vitória.

pela nossa sociedade. A pretensão, ao levar esta peça, é, em primeiro lugar, levar o texto ao conhecimento do público, principalmente dos estudantes de curso superior que ainda se mantêm apáticos em relação aos valores que imperam em nossa sociedade. A peça tem como pano de fundo a Igreja, que mantém o poder e o quer reter a todo custo. Pessoas ou instituições que se colocassem numa posição crítica ou que quisessem viver de uma maneira diferente dos princípios ditados pela doutrina cristã da época eram levadas perante um tribunal. Durante o julgamento as pessoas só tinham um caminho: renegar todos seus princípios e admitir as verdades da Igreja. Branca Dias era uma moça pura, ingênua, que só tinha um objetivo na vida: casar e dar quantos filhos pudesse ao homem que amava. Ela é envolvida pelo padre Bernardo, que, não conseguindo obter da moça seus desejos carnis, envolve-se na capa de seu ofício de participante do inquérito e oferece subsídios, os mais íntimos revelados em particular, para sua condenação. Augusto, o noivo de Branca Dias, é um homem consciente, que busca entender o momento em que vive, buscando em todos seus atos uma maneira independente de viver. Mesmo nos momentos mais difíceis, mesmo diante das maiores torturas, ele se respeita. Uma frase de Augusto, que traduz todo o espírito da peça: Existe um

mínimo de dignidade que o homem não pode vender, nem mesmo em troca de sua liberdade. Nem mesmo em troca d'olho”.

Marcelo Correa acha difícil fazer teatro universitário, devido à falta de tempo e de preparação artística. “Mas creio que o maior objetivo dos grupos que participam, principalmente do Diretório do Centro Pedagógico, que é o produtor dessa nossa apresentação, é o de entrar em comunicação com um maior número de universitários. A linguagem teatral propicia este momento devido ao tipo de promoção. Quem quiser fazer teatro, dentro dos mais sofisticados princípios artísticos, deve começar a exigir das autoridades da Ufes uma escola bem montada de preparação de atores, diretores e técnicos de teatro. O pessoal do nosso grupo tem facilidade de trabalho de direção, fazendo mesmo um esforço fora do comum para que possamos levar um espetáculo digno da vida artística da cidade. A falta de local para ensaios foi um fator de dificuldade na preparação desta Mostra. Estamos aí confiantes em alcançar o objetivo que determinamos para o nosso trabalho”.

O crítico Yan Michalsky, no prefácio do livro que publica o texto de **O Santo Inquérito**, escreve que a montagem, em 1960, de **O Pagador de Promessas**,

no TBC paulista, foi uma grata surpresa para ele. “Ninguém podia esperar, em sua consciência, uma contribuição reveladora por parte de Dias Gomes, um escritor que não foi muito bem sucedido em suas três ou quatro experiências anteriores e que parecia ter desistido da carreira teatral, pois passou a se dedicar ativamente — e aparentemente sem maiores ambições — ao rádio e à televisão”. Depois de **O Pagador de Promessas**, segundo Michalsky, o escritor baiano “percorreu um considerável e respeitabilíssimo caminho dentro do teatro e da cultura brasileiros”. O TBC de São Paulo, depois do triunfo de **O Pagador de Promessas**, transformado em filme e premiado em Cannes, montou **A Revolução dos Beatos**. Montagens seguintes de obras de Dias Gomes: **A Invasão** e **O Berço do Herói**, esta proibida poucas horas antes da estréia. Acompanhando com interesse a evolução de Dias Gomes, e apesar de restrições a certas ingenuidades cometidas pelo autor, Yan Michalsky afirmou que essas peças citadas procuram uma forma teatral capaz de projetar, com a maior eficiência, a sinceridade das preocupações sociais do autor. “Confesso, porém, que em nenhuma destas obras — e independentemente do mérito de cada uma delas — encontrei aquilo que mais me impressionara no **Pagador**: um grande, comovente, antológico personagem de teatro. Reencontrei agora, em Branca Dias, de **O Santo Inquérito**, um personagem à altura da dimensão humana de Zé do Burro... São dois seres puros em luta contra uma impiedosa conspiração que não admite a pureza, que se aproveita dela, e que acaba por destruí-la”.



Marcelo Cora dirige a montagem capixaba

Dias Gomes fala da peça

“Parece fora de qualquer dúvida que Branca Dias realmente existiu e foi vítima da Inquisição. Segundo a lenda, bastante conhecida no nordeste, Branca foi queimada, como Joana D’Arc. A História não é tão precisa. Há controvérsia. Opinam alguns pesquisadores que, embora tendo sofrido perseguições, Branca deve ter morrido na cama, como os generais. Mas nenhum põe a mão no fogo. Nelson Werneck Sodré inclina-se pela primeira versão. E se Branca, que, segundo Ademar Vidal, “era jovem de boniteza excepcional”, não terminou seus dias numa fogueira, bem poderia ter tido essa sorte, pois os autos-de-fé de meados do século dezoito, em Lisboa, registram a condenação de cerca de quarenta mulheres procedentes do Brasil. Aqui mesmo, na Bahia, em fins do século dezoito, a octogenária Ana Ruiz foi queimada simplesmente “por ter, doente, travesseiro de d’alho”. Alguém (um ancestral dos modernos dedos-duros) ouviu e denunciou. Também com relação à sua nacionalidade divergem os pesquisadores, alguns fazendo-a como portuguesa banida para o Brasil pelas perseguições, anti-semitas da inquisição lusa, no século XVI. Viriato Correa, que estudou o assunto, endossa essa versão. Mas a maioria afirma ter sido ela brasileira de nascimento e paraibana. Ademar Vidal chega a citar datas precisas: nascimento “na capital da Paraíba a 15 de julho de 1734, tendo sido seus pais Simão Dias e D. Maria Alves Dias, ambos da terra de André Vidal”, e morte no “auto-de-fé de 20 de março de 1761, às 6 horas da tarde, em Lisboa, no lugar onde demora o Limoeiro”. Também quanto ao lugar da execução há divergência, querendo alguns que tenha sido aqui mesmo, no Brasil. Enfim, História é estória entram em choque e esta é uma briga para historiadores e folcloristas. A mim, como dramaturgo, o que interessa é que Branca existiu, foi perseguida e virou lenda. A verdade histórica, em sim, no caso, é secundário; o que importa é a verdade humana e as ilações que dela podemos tirar. Se isto não aconteceu exatamente como aqui vai contado, podia ter acontecido, pois sucedeu com outras pessoas, nas mesmas circunstâncias, na mesma época e em outras épocas. E continua acontecendo. Muito embora a Santa Inquisição tenha hoje vários defensores, que procuram amenizar a imagem que dela fazemos, e diminuir a responsabilidade da Igreja, a nova Igreja, justiça lhe seja feita, a Igreja de Paulo VI, procura ser, na teoria e na prática, a condenação formal do espírito e dos métodos do Santo Ofício; a verdade é que as razões apresentadas em sua defesa são as mesmas de todos os oprimidos, quase sempre sinceramente convencidos de que seus fins justificam os meios. São as razões de Hitler, de Franco, e de Mac Carthy. Vejamos o que diz um desses defensores da Santa Inquisição, o padre José Bernardo: “... tanto o Estado como a Igreja se viam em face de um perigo crescente e ameaçador. Toda a sociedade humana, a ordem civil e religiosa, construída com imensos esforços, toda a civilização e cultura do Ocidente, o progresso, a união e a paz estavam ameaçados de dissolução”. Ameaçados por quê? Pelas heresias, sendo o protestantismo e as práticas judaicas dos cristãos novos, o que mais preocupavam e ameaçavam a hegemonia católica. Na defesa dessa hegemonia, justificava-se o emprego de medidas que, embora contrariando o espírito cristão, encontravam acolhida entre os teólogos da Igreja de Cristo. “Conforme S. Tomás, todo aquele que tem o direito de mandar tem também o de punir, e a autoridade que tem o poder de fazer leis tem também o de lhes dar a sanção conveniente. Ora, as penas espirituais nem sempre bastam. Alguns as desprezam. E por isso que a Igreja deve possuir e possuir o direito de infligir também penas temporais”. E embora o braço eclesiástico não decretasse diretamente as penas de morte, na verdade as encarregava ao relaxar a vítima ao braço secular, para que este as aplicasse. “E, portanto, justíssimo que a pena de morte seja aplicada aos que, propagando a heresia com obstinação, perdem o bem mais precioso do povo cristão, que é a fé, e, por divisão profanidade, semeiam nele graves dissensões”. Em Portugal e no Brasil foram os “cristãos novos” as maiores vítimas dessa ditosa de punir inocente pela igreja no poder. Quando, em 1496, D. Manuel dispôs de Isabel, filha dos reis católicos, esta exigia que todos os noivos fossem expulso de Portugal antes

Texto de Elvaldo dos Anjos
fotos de Alton Lopes

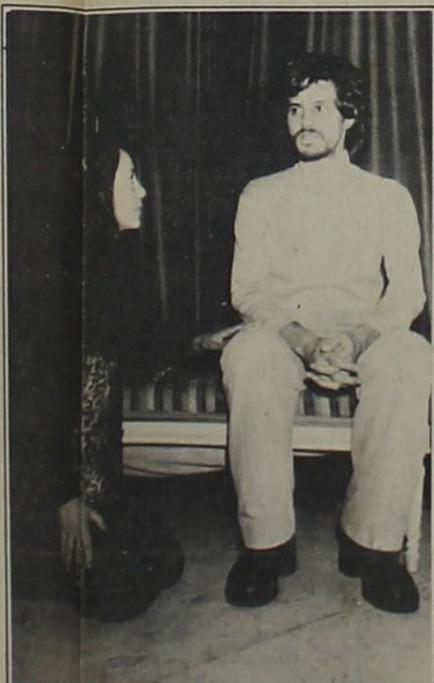
CADERNO

dois

A GAZETA — VITÓRIA (ES).
20 DE MAIO DE 1977



Renato (padre Bernardo) e Rose de Freitas (Branca)



Luiz Tadeu Teixeira está no elenco

dela à pior. D. Manoel apressou-se em satisfazer a exigência da nova, decretando que todos os noivos e moços torcos se retirassem do reino. Então tanto os navios que deviam transportá-los à África lhes foram negados, no momento em que eles se reuniam nos portos, prontos para partir, seguindo-se então uma terrível perseguição, à qual poucos sobreviveram. Estes foram convertidos à força, constituindo os “cristãos novos”, no íntimo de sua alma. Acreditando representarem permanente perigo às instituições e à civilização cristã, a Santa Inquisição os mantinha sob severa vigilância. Justificando essa atitude de autodefesa, o padre José Bernardo traça um paralelo entre o Tribunal do Santo Ofício e os Comitês de Atividades Antiamericanas, criados pelo marxismo. Diz que “Será muito triste a heresia pelo uso da força, quando ela constitui um perigo imenso para a fé religiosa e civil? A autoridade civil há de ser, desde há muito, a resposta afirmativa e continua-

anda hoje na mesma disposição, seja um exemplo, contrariando seus princípios de completa liberdade democrática, os Estados Unidos da América do Norte julgaram necessário protegê-los contra a desintegração da sua sociedade. Comparam a citar diante dos tribunais os comunistas declarados, “por serem uma ideologia revolucionária, com o fim preciso de destruir a ordem existente e a constituição democrática. Este proceder contra os princípios inquisitoriais da Idade Média. Até quando esses princípios serão invocados, quando forças mártires, como Branca e Augusto, se crismam por eles, como Simão Dias? Até quando as figuras reais ou complexas, para chamar a atenção, serão usadas, não há liberdade de pensamento”. “Os princípios ao fim, Branca encontra a corrupção aberta ao conhecimento do seu destino, acreditando que a sinceridade e a pureza que lhe

moram no coração o absolvem de tudo. Mais importante do que conhecer e seguir as leis e os preceitos ao pé da letra, não é estar possuída de bondade? Se ela traz Deus em si mesma, no que Deus é amor, isso não a redime inteiramente? E é isto, justamente, que a perde, não percebe que os homens que a julgam agir segundo uma ideologia preconcebida, que subverte a verdade, embora eles também não tenham consciência disso e se considerem honestos e justos. E, sem dúvida, o não, se visto de sua própria angústia. Branca nada percebe até o fim, quando já é tarde demais. Sua perplexidade cede lugar então a um princípio de consciência, que, inicialmente, a aniquila, e depois a faz erguer-se na defesa fatal da própria dignidade. Branca nada tem de comum com Joana D’Arc, a não ser o fim trágico... A grandeza que atinge, no final, enfrentar o martírio, é dada pela recusa em aceitar-se com os assarões de Augusto. É um gesto de protesto e também de desespero”. (Dias Gomes).

A recente montagem carioca

Recentemente, **O Santo Inquérito** foi montado no Rio de Janeiro, com direção de Flávio Rangel. No elenco, Dina Sztajnsztejn (Branca Dias), Carlos Vereza (padre Bernardo), Cláudio Marzo (Augusto Coutinho), Jorge Chala (Simão Dias), Waldir Maia (Notário), Italo Rossi (visitador do Santo Ofício). A montagem incluía um coro, integrado por sete pessoas e quatro músicos, com Edu Lobo também participando da trilha sonora. Direção musical de Dori Caymmi. O diretor Flávio Rangel via assim a peça: “Entendi **O Santo Inquérito** como um canto à dignidade humana, escrito por um dos mais importantes dramaturgos brasileiros contemporâneos. Essa preocupação com os choques que enfrentam os seres humanos puros com a malícia e a corrupção que os envolvem é uma constante da obra do autor. Tive a honra e a felicidade de ser o primeiro encenador de **O Pagador de Promessas**, e viajei também a **Revolução dos Beatos**. Nessas três peças, assim como nas outras que lhe compõem a obra teatral, reunida em dois volumes editados pela Civilização Brasileira, a constante é a análise do comportamento humano em luta contra um espaço social que lhes é adverso. No caso específico de **O Santo Inquérito**, o autor mostra como reagem diferentemente três personagens — Branca Dias, seu noivo Augusto Coutinho e seu pai, Simão Dias — diante do totalitarismo e da opressão, com suas armas milenarmente concebidas. A peça se passa em 1750, exclusivamente a partir de um ponto de referência. Onde houver um ser humano que mantenha a coragem e a cabeça erguida contra as afrontas dos poderosos do dia, esse será o tempo e o lugar da ação da peça. Ao estudar os termos desta nova encenação, peço a presença da música, e acrescentei mais alguns personagens ao número original. Dias Gomes concordou, e retri-

bahou a peça, a fim de que tivéssemos um espetáculo totalmente novo. Quis que a palavra e a mensagem do autor fossem defendidos por artistas de primeiro quilate — e acho na verdade que dispomos do melhor elenco do país para executar essa tarefa. Os produtores concordaram com essas novas idéias, e todos deram o melhor de si para que tudo corresse bem. Branca Dias é uma fascinante heróica. E como diz Bertolt Brecht, triste do país que necessita de heróis”.

Dias Gomes define assim os personagens da peça: “Branca Dias — “Diz a lenda que, em noites de plenilúnio, quando o nordeste sopra na copa das árvores, Branca desliza pelas ruas silenciosas da capital paraibana e vai visitar seu noivo prisioneiro e torturado nos subterrâneos do Convento de São Francisco”. Padre Bernardo: “Quando a paixão carnal que desde o início motivou o incógnito começa a torturá-lo, ele só encontra um caminho para combatê-la: a punição de Branca, que será, em última análise a sua própria punição... antes de você aparecer, eu vivia em paz com Jesus”. Augusto Coutinho: “Não é apenas o amor que tem por Branca que leva Augusto a preferir a morte a acusá-la; é a certeza de que sua vida não vale a indignidade que querem obrigá-lo a cometer, cômico de que o ser humano tem em si mesmo algo de que não pode abrir mão”. Visitador do Santo Ofício: “A tranquilidade com que ordena a aplicação de torturas em Augusto não revelam nele qualquer sintoma de sadismo, mas apenas a deformação a que pode chegar a mente humana para defesa de uma causa”. Simão Dias: “Prevalece nele o sentimento de salvar-se a qualquer preço. Mesmo ao preço da própria dignidade. Sua missão o torna cômico, como cômico são todos aqueles que se sentem por egípcios ou covardes, podendo fazer valer a sua voz”.